

PENSANDO IDENTIDADES E DIVERSIDADES CULTURAIS

Angélica Vier Munhoz¹, Dinamara Feldens² e Shirlei Mendes da Silva³

RESUMO: O texto busca trabalhar com os diferentes conceitos de identidade em variados tempos e espaços da contemporaneidade. Traz a discussão sobre a identidade nacional, buscando compreender como esse processo vem sendo construído culturalmente ao longo dos tempos.

Também pretende dar visibilidade as múltiplas raças e etnias que vão compondo o Brasil e as suas miscigenações.

PALAVRAS-CHAVES: identidades, miscigenação, identidade nacional.

THINKING CULTURAL IDENTITIES AND DIVERSITIES

ABSTRACT: The text aims at working with the different concepts of identities in different moments and places of the contemporary stage. It brings up the discussion on the national identity, trying to understand how this process has been built up culturally along the history. It also intends to show the multiple races and ethnic groups that have formed Brazil as well as their miscegenation.

KEY WORDS: Identities, miscegenation, national identity.

Nesse texto buscamos compreender os diferentes significados dos conceitos de identidades, considerando como este processo de construção social vem sendo produzido nos diferentes tempos e espaços contemporaneamente.

O conceito de identidade pressupõe diferentes interpretações e entendimentos que produzem relações específicas de poder. A identidade torna estático um tempo e um espaço em suas diferentes e significados, pois é preciso tornar estático o tempo e seus acontecimentos para que a identidade apareça. Quando se identifica, produz-se um semelhante. O semelhante opera por cópias e por modelos. Ora, para se copiar, assemelhar-se, é necessário que se ignorem as diferenças e singularidades para atualizar o que está dado num outro indivíduo, grupo ou tempo histórico. É nessa medida que as identidades

¹ Mestre em Educação. Professora do Centro Universitário Univates.

² Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Univates.

³ Mestre em Ciências Políticas. Professora do Centro Universitário Univates.

produzem subalternidades, obediências e territorializações temporais e espaciais. Todo o conceito produz um certo território sedentarizado em seu significativo. Assim, quando Hitler cria a identidade alemã, ele produz códigos e saberes que vão tornar possível a hegemonia nazista. O nazismo é um discurso, um discurso identitário. Esse saber está produzindo verdades que instituem uma forma de agir, ou seja, um território sedentarizado como uma cristalização de um poder-saber.

Segundo Hall (2004), há três concepções de identidade: uma individualista centrada no sujeito do iluminismo, uma interativa pensada a partir de um sujeito sociológico (a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, a identidade costura o sujeito à estrutura) e uma pós-moderna que pensa a identidade de forma impermanente, sendo definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito do iluminismo, visto como uma identidade física, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas do sujeito pós-moderno.

A partir dessas concepções de identidade é que nos propomos a pensar as identidades culturais. Afinal, como elas se formam? Essas identidades não estão impressas nos nossos genes, elas vão sendo produzidas ao mesmo tempo em que produzem uma cultura nacional.

Para Hall (2004), a cultura nacional é composta de instituições, símbolos e representações. É um discurso que produz sentidos e constrói identidades.

Assim, a identidade cultural transita pela esfera da produção simbólica sendo construída com diferentes matizes que a delimitam. Construção constantemente reconstruída, metamorfoseada, transmutada pelo que está a instituir-se.

Da mesma forma que a cultura nacional é um discurso que constrói identidades, também a memória pode ser analisada sob este prisma. Como a memória enquanto (re)invenção do passado é (re)interpretada na vida social?

É evidente que a discussão sobre a identidade nacional remete à construção da história brasileira em que ora a identidade está voltada para a busca de um modelo projetado pelos europeus, ora há a negação dessa identidade. Essas dualidades podem ser evidenciadas em alguns momentos de nossa história.

O Brasil foi “descoberto” num momento em que a Europa buscava firmar-se enquanto identidade hegemônica no mundo ocidental. A idéia da conquista permeava o sentimento de afirmação da raça branca, da expansão do cristianismo e do surgimento do capitalismo enquanto um sistema econômico urbano e mundial. As conquistas pulverizaram-se e aceleraram a produção técnico-científica em todo o ocidente. A busca de novos mundos foi movida pela necessidade de tornar hegemônica uma identidade moderna e ocidental que vinha surgindo. A idéia da “boa” raça, da justa lei e do “verdadeiro” Deus

construiu o conceito do "outro", em nós, como aquele que não somos e que ainda mais, não devemos "ser". É nesse contexto que o Brasil é invadido pelos portugueses, povos pioneiros nesse processo de conquista. O habitante da terra do Pindorama, como era conhecido o Brasil pelos Tupinambás, é este "outro" que precisa ser "domesticado", "civilizado", enquadrado, instituído. E ainda mais, por não ser o semelhante do europeu, o nativo pode ser morto, cristianizado, escravizado, explorado, roubado e destituído de sua cultura (que, *a priori*, é inferior). É sob esta ótica da rapina e da impossibilidade do outro, que se funda a identidade brasileira.

A vinda da família real para o Brasil vai impor, no nível cultural, toda uma influência de costumes e valores da corte européia. Esses costumes encontravam-se, é verdade, em franca decadência, devido à ascensão de uma idéia de aburguesamento, que já estava fortemente influenciando toda a Europa, e devido ao empobrecimento da dinastia dos Bourbons e Avis, à qual pertencia Dom João IV. Nessa medida, os valores aristocráticos ou monárquicos vão se restringir a uma elite estrangeirada e minoritária, mesmo assim dominante.

Outro momento histórico bastante importante em relação à questão da identidade nacional é o momento republicano. Influenciada pelos valores e idéias positivistas da Europa, sobretudo da França, a República é a instituição política do capitalismo e da classe burguesa. O positivismo é a ciência que dá suporte técnico-científico a esse sistema. Mas como tudo isso se articula? Através da produção de conceitos e valores burgueses - liberais que vão inundar todo o cotidiano de nosso país, instalando seus ecos na cultura nacional. A revolução francesa é o momento em que a idéia de *res-pública*, ou seja, da coisa pública, fica instituída, isto é, os valores burgueses tornam-se os valores de toda a sociedade. A identidade burguesa, ao tornar-se identidade nacional, mata os outros possíveis entendimentos e valores. Assim é que a identidade cria subalternidades.

É interessante, nesse contexto, podermos pensar no movimento que significou a Semana de Arte Moderna de 1922. A Semana de Arte Moderna e seu movimento Antropofágico traduzia, de forma muito criativa e latente, essa necessidade de forjar uma identidade nacional. Talvez tenha sido o momento, em toda a nossa história, mais simbólico e expressivo na exigência de uma identidade não territorializada, importada e imposta, talvez, mas de uma *cara Brasilis*.

Os componentes daquele movimento eram artistas, pensadores, poetas, insubordinados, perdidos, desalojados, inclassificados, perseguidos (muitos foram presos no governo Vargas), não instituídos, que buscavam uma rostidade para nosso país. Era a identidade Tupiniquim, negra, escrava, alforriada, miscigenada, disforme e não européia, não americana, não burguesa - talvez até, soma ou a mistura de todas e ainda outras, mas, de qualquer maneira, uma singularização para uma cultura que nasce tão encravada de territórios do além-

mar. Nossa história vai cambiando fugas e sedimentações, períodos de autoritarismo e de luta e, com eles, identidades coladas em modelos e identidades nômade.

Podemos ainda pensar no momento nacionalista vivido pelo Brasil durante a década de 30 do século XX. O mundo inteiro vivia uma onda nacionalista. O que estava implícito neste período era a disputa entre o capitalismo nacionalista e o capitalismo internacionalista. Tal discórdia vai ser resolvida com a segunda Guerra mundial. Aliás, vale lembrar que as disputas por tendências no mercado, dentro do capitalismo, sempre se resolveram com guerras. A Segunda Guerra Mundial vai endossar o capitalismo internacionalista como tendência que se mantém hegemônica até o fim da Guerra Fria.

O nacionalismo no Brasil institui-se durante a era Vargas. A idéia de um Brasil explorando suas próprias riquezas e diversidades estava casada com a idéia autoritária de um governo fortemente interventor em toda a vida nacional. Mesmo o nacionalismo populista não foi uma "invenção" nacional. Pertencia a uma grande tendência política internacional e, sobretudo, Latino-Americana, que mantinha sob tutela e total controle governamental as manifestações populares e as expressões culturais. Era uma identidade nacionalista produzida e conduzida dentro dos moldes do nacionalismo de extrema direita que vinha aflorando em todo mundo (podemos ter os exemplos do nazismo, do fascismo, do salazarismo, etc).

O ano de 1964 tornou-se um marco para o processo de construção de uma identidade autoritária no Brasil. Identidade forjada pela inteligência militar que assume a presidência do país destituindo João Goulart, presidente eleito democraticamente pelas forças populares. Mas é importante frisar que o golpe se fez com o apoio e o aval de outros segmentos da sociedade brasileira, como parte do empresariado, da igreja católica, da classe média... Com o acirramento da ditadura militar, principalmente após a publicação do AI-5 (Ato Institucional nº 5) pelos militares, as forças que inicialmente apoiaram o golpe percebem que o terror instaurado oficialmente acaba bloqueando a liberdade da sociedade como um todo. Baseado na defesa da ordem e com um baixo grau de mobilização social, o autoritarismo que se instala no Brasil permite, no entanto, algumas liberdades inexistentes em outras ditaduras da América Latina. Os militares brasileiros produzem a existência de uma oposição organizada partidariamente, surgindo assim o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido aglutinador de todas tendências oposicionistas. Os militares também produzem a continuidade do processo eleitoral na esfera legislativa, restringindo o voto popular na esfera executiva. O terror, entretanto, manifestava-se com a perseguição ao movimento das esquerdas, com a instalação de interventores governamentais nos sindicatos, com o aniquilamento do movimento estudantil e de outras forças associativas.

Conforma-se, assim, uma cultura autoritária que inviabiliza a participação e a expressão das forças sociais. Durante 20 anos este sistema persiste, começando a dar sinais de desgaste com o fim do “milagre econômico” dos anos 70. Foram várias gerações de brasileiros formados por esta cultura, crianças e jovens que saudavam o governo militar cantando o “hino” da ditadura (“este é um país que vai pra frente, com uma gente alegre e contente...”). Esta era a identidade nacional forjada pelos militares.

A identidade nacional cria o Brasil em sua realidade social e econômica, cria a imagem que o Brasil tem de si mesmo, produzindo efeitos sobre os indivíduos ou grupos que por sua vez reproduzem esse modelo imagético.

A idéia de miscigenação no Brasil é uma representação. A miscigenação é a coexistência em uma mesma cultura, de costumes, crenças, modos de vida provenientes de índios, africanos europeus. Essa idéia é sempre atribuída a um valor positivo, ou seja, a miscigenação é entendida como aquilo que há de melhor no Brasil.

No entanto esse mesmo discurso sobre a miscigenação não garante uma democracia racial no país. Ou seja, as diferenças sociais entre grupos raciais talvez não estejam tão misturadas quanto se pensa.

É incontestável que a história brasileira mostre claramente esses confrontos, às vezes de forma violenta, às vezes de forma sutil. Então, o Brasil que ao mesmo tempo é composto por esses muitos múltiplos povos: negros-brasis, italianos-brasis, alemães-brasis, índios-brasis... É o mesmo Brasil que ainda mantém uma única raça como a hegemônica.

Podemos, no entanto, perceber movimentos de rupturas, esquecimentos de uma memória de colonização, possibilitando que outras identidades sejam produzidas. Essas identidades são híbridas, fluídas, são identidades que produzem encontros entre culturas. São identidades brasileiras que se metamorfoseiam, não de um estado a outro, mas como um processo que não cessa nunca de se atualizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESCIANI, Maria Stella. A casa em Gilberto Freyre: síntese do ser brasileiro? In: CHIAPPINI, L.; BRESCIANI, M. Stella (Orgs). **Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002. p.

CARIA, Telma. H. (Org.). **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 2002.

COSTA, Ana M. Medeiros; MELMAN, Charles; CHEMAMA, Roland. **Imigração e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.9, n.1, jan/jul. 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IANNI, O. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo. Brasiliense, 1996.

SILVA, Pedro. **Etnografia e Educação**: reflexões a propósito de uma pesquisa sociológica. Porto: Profedições, 2003.

ZIEBELL, Zinca. **Terra de canibais**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.